

# A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR SECUNDARISTA NO BRASIL E A PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE DESEMPARO NAS ADOLESCÊNCIAS

Wendel de Mattos Souza<sup>1</sup>, Letícia Vier Machado<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR.  
Bolsista PIBIC/ICETI-Unicesumar. souzawendel@icloud.com

<sup>2</sup>Orientadora, Docente do Curso de Psicologia, UNICESUMAR. leticia.vier@unicesumar.edu.br

## RESUMO

A adolescência é uma fase marcada por instabilidades psicossociais, como também é carregada de estereótipos na perspectiva dos adultos. Parte-se do pressuposto de que na relação entre adultos e adolescentes, estes podem ocupar a posição de objeto no discurso daqueles, colocando-os à margem do social e possivelmente produzindo uma experiência de desamparo nos adolescentes. Essa relação dispar entre adultos e adolescentes pode ser observada com adolescentes secundaristas na escola. Partindo dessa hipótese, o objetivo do trabalho teórico é analisar o contexto da educação escolar secundarista no Brasil e investigar suas relações com a produção do desamparo na adolescência. Como metodologia, a produção de dados será feita a partir de revisão bibliográfica e a discussão dos resultados será conduzida pela análise de conteúdo. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam ser úteis na compreensão da educação escolar secundarista no Brasil e da sua relação com a produção da experiência de desamparo, contribuindo com os estudos atuais no campo da psicologia do desenvolvimento humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** adolescência; desamparo; educação.

## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência, por ser uma etapa do desenvolvimento marcada por instabilidades psicossociais, pode se assemelhar a um estado “semipatológico”, como discutiram Aberastury e Knobel (1981). Da perspectiva do adulto, a adolescência pode representar o estatuto de uma ameaça, porque os adolescentes são responsáveis pela denúncia dos mal-estares de uma época (LESOURD, 2014). O adolescente ocupa uma posição de intermédio, entre lugares, na medida em que passa por diversas experiências que o deslocam do campo da moral infantil, mas também não o colocam plenamente na ética “adultocentrista” (SALLES, 2005).

A adolescência, por ser uma etapa do desenvolvimento que compete a todo sujeito, está condicionada a apresentar diversas experiências, a depender de variáveis sócio-demográficas, de gênero, de classe social e do contexto histórico-cultural em que se situa (FROTA, 2007). Segundo a Organização Mundial da Saúde, essa fase transcorre dos 10 aos 19 anos (MARCO LEGAL, 2007); e, na legislação brasileira, especificamente no Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência se estende dos 12 aos 18 anos. De acordo com a Política Nacional da Juventude (PNJ, 2006), o jovem é definido em relação a idade, entre 15 e 29 anos, havendo ainda mais divisões que classificam o jovem como: adolescentes-jovens (15 a 17 anos); jovens-jovens (18 a 24 anos); e adultos-jovens (25 a 29 anos). Deste modo, concerne, aqui, a utilização dos termos adolescências e juventudes, no plural (MARCO LEGAL, 2007)

Freud (1930/2010) colocou o desamparo como uma experiência inerente à condição humana, na medida em que o sujeito necessita do amparo do Outro, seja para suprir necessidades fisiológicas, seja para se construir sujeito. Um ser humano depende que um Outro ampare sua palavra para que o significado de sua experiência subjetiva não recaia no vazio discursivo. Rosa (2016) retrata a experiência de desamparo que os adolescentes vivenciam devido ao fato de não estarem incluídas no discurso social: a fala do adolescente quase nunca é ouvida, principalmente quando se trata de jovens com marcadores sociais

específicos. O modelo neoliberal de vida exclui esses indivíduos e os colocam à margem da sociedade, silenciando-os, contribuindo para a produção do sofrimento psicossocial e mantendo-os exilados do laço social. Este, quando regido pela lógica do capital, privilegiando a lógica mercantil e seus respectivos privilégios, não abrange estes adolescentes em situação de vulnerabilidade.

A educação no Brasil já há muito tempo em sua história vem deixando claro que seu compromisso não é formar cidadãos, mas sim respeitar uma lógica do capital que é demandada ao longo do tempo. Nesta, a força produtiva prevalece sobre o exercício da reflexão (CUNHA et al, 1997). Conta-se com um modelo tecnicista de escola, que aponta para um modo passivo de receber informações dos professores, o que não fomenta o desenvolvimento de um pensamento crítico, tampouco coloca a transformação social como objetivo a ser conquistado. Em um modelo neoliberal, prevalece a tecnicidade do conteúdo sobre a elaboração do conhecimento na relação professor e secundarista (LIBÂNEO; SANTOS, 2009).

Entende-se que a escola deve ser o espaço para o acontecimento das trocas, para a criação de vínculos, para o desenvolvimento de laços sociais, os quais são tão importantes ao desenvolvimento do jovem que necessita ser amparado, ouvido e estar contido no discurso do Outro, para que assim ocorra a identificação com seu semelhante (TURINO; MOSÉ, 2015; ROSA, 2016), processo fundamental da adolescência.

Neste contexto, a presente pesquisa pretende responder ao seguinte questionamento: qual a relação entre os adolescentes secundaristas (aqueles que cursam o ensino médio), que estão em um momento da vida inconstante, onde muda-se as experiências de acordo com marcadores sócio-demográficos, de classe social, de gênero e do contexto histórico-cultural; e a produção da experiência de desamparo ao ser inserido em um contexto escolar que pode não proporcionar pleno desenvolvimento e emancipação, quando a educação escolar no Brasil atua no sentido de suprir as demandas capitalistas de forças produtivas? A fim de responder essa questão, utiliza-se do referencial psicanalítico para se ter um horizonte teórico sobre o desamparo e suas implicações sócio-políticas, e de produções cinematográficas que mostram a experiência de adolescentes secundaristas em escolas brasileiras.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza teórica e de caráter bibliográfico e analítico. Para a produção dos dados, adotar-se-ão os seguintes procedimentos: realizar-se-á uma revisão de literatura acerca da noção de desamparo sob a ótica psicanalítica, mormente em Freud (1930/2010), que será utilizado como fonte primária. Para a revisão bibliográfica, serão consultadas bases de dados nacionais de livre acesso, como Scielo (<https://www.scielo.org/>) e Pepsic (<http://pepsic.bvsalud.org/>), utilizando os descritores: “adolescência”, “desamparo”, “educação escolar” e “secundarista”.

Como fontes secundárias serão utilizados autores que abordam o conceito de desamparo na conjuntura sociopolítica brasileira, como Rosa (2016) Rosa e Gurski (2018), Rosa, Ferreira e Alencar (2018) e Rosa e Carmo-Huerta (2020). Além disso, produções fílmicas nacionais serão utilizadas como recursos complementares, tais como os documentários: *Espero tua (re)volta*, *Escolas em Luta* e *O mês que não terminou*. A discussão dos resultados será conduzida pela análise de conteúdo, respaldada em Bardin (2016).

### 3 RESULTADOS ESPERADOS

Almeja-se compreender as dificuldades do desamparo experienciadas pelos adolescentes, principalmente daqueles que estão inseridos no contexto escolar secundarista, além de examinar como se dá a educação nas instituições secundaristas no Brasil. A fim de que se possa analisar as possíveis relações presentes na produção de desamparo na adolescência junto à conjuntura da educação escolar secundarista no Brasil. Embasando-se nesses dados, enseja-se a possibilidade de identificar apresentações do sofrimento psíquico causado pelo desamparo sociopolítico em um contexto marcado pelo desenvolvimento humano, a escola secundarista brasileira.

Sendo assim, acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir com a sociedade científica para se ter a possibilidade de se refletir sobre como o jovem da educação secundarista no Brasil é tratado e trazido no discurso da estrutura social brasileira.

### REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Tradução: BALLVE, S. M. G. Porto Alegre, Artmed, 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª Ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CUNHA, B. B. B. et al. **Psicologia na escola**: um pouco de história e algumas histórias. São Paulo, Arte & Ciência, 1997.

ESCOLAS em luta. Direção: Eduardo Consonni; Rodrigo T. Marques; Tiago Tambelli. Produção: Eduardo Consonni et al. Disponível em: [https://www.primevideo.com/detail/0K66TY92GORPIL81CTSYVWCDQG/ref=atv\\_sr\\_fle\\_c\\_Tn74RA\\_\\_1\\_1\\_1?sr=1-1&pageTypeldSource=ASIN&pageTypeld=B08KGHJTLTD&qid=1620762491](https://www.primevideo.com/detail/0K66TY92GORPIL81CTSYVWCDQG/ref=atv_sr_fle_c_Tn74RA__1_1_1?sr=1-1&pageTypeldSource=ASIN&pageTypeld=B08KGHJTLTD&qid=1620762491). Acesso em: 11 de maio de 2021.

ESPERO tua (re)volta. Direção: Eliza Capai. Produção: Mariana Genescá. Globoplay. 2019. 93 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/espero-tua-revolta/t/Q6NGpNdqNk/>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Tradução: SOUZA, P. C. de. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FROTA, A.M.M. Diferentes concepções de infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p. 144-157, jun. 2007.

LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. 2 ED. Alínea, 2009.

MARCO LEGAL: saúde, um direito de adolescentes. **Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área da Saúde do adolescente e do jovem**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

O mês que não terminou. Direção: Raul Mourão; Francisco Bosco. Produção: Rodrigo Letier. Amazon Prime Vídeo. Disponível em:

[https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.54ba7cf6-ab7b-424b-3291-06cafbcd482a?autoplay=1&ref\\_=atv\\_cf\\_strg\\_wb](https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.54ba7cf6-ab7b-424b-3291-06cafbcd482a?autoplay=1&ref_=atv_cf_strg_wb). Acesso em: 11 de maio de 2021.  
PNJ -Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas. **Fundação Friedrich Ebert**, p. 1–140, 2006.

ROSA, M. D. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. 1ª Ed. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

ROSA, M. D.; CARMO-HUERTA, V. O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos *fronts*. **Estilos da Clínica**. V. 25, n. 1, p. 5-20, 2020.

ROSA, M. D.; FERREIRA, P. P.; ALENCAR, R. Desilusão: impasses clínicos e políticos diante dos dilemas de nosso tempo. **Revista Subjetividades**. Fortaleza, ed. especial, p. 81-92, 2018.

ROSA, M. D.; GURSKI, R. Psicanálise, socioeducação e a construção da escuta-flânerie. **Appoa**, 2018. Disponível em:  
[https://appoa.org.br/correio/edicao/282/psicanalise\\_socioeducacao\\_e\\_a\\_construcao\\_da\\_escuta\\_flanerie/648](https://appoa.org.br/correio/edicao/282/psicanalise_socioeducacao_e_a_construcao_da_escuta_flanerie/648). Acesso em: 11 de maio de 2021.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**. V. 22, n. 1, p. 33-41, jan./mar. 2005.

TURINO, C.; MOSÉ, V. **InteligênciaPontoCom - Viviane Mosé e Célio Turino**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lk-F4wjStZE&t=2464s>. Acesso em: 03 mai. 2021.